



AVENÇA

VILA VERDE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 22634)

PROPRIEDADE:

Nossa Senhora do Alívio

DIRECTOR E EDITOR:

Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Padre Severino Pereira Fernandes
Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga

Problemas da crise da Lavoura

IV

Aspectos do fenómeno da emigração

Longe de mim pensar que os meus leitores julgam que eu, nestas minhas considerações que vou publicando, quero dar lições de princípios económico-sociais aos nossos governantes.

Estamos de facto num país, onde os mais altos dirigentes são escolhidos entre elites, que conhecem e sentem muito melhor do que eu; aufferem em melhores fontes, contactam com sectores de realizações, os princípios das mais altas escolas de economia social, inclusive das Encíclicas e das Escolas Católicas.

Procuo apenas fazer chegar, em exposições simplificadas, essas doutrinas às massas populares, e, ao governo, o testemunho do que se passa neste grande Concelho de uma agricultura depauperada.

O nosso ilustre colaborador, senhor A. S. S., em elucidativos artigos, no «O Vilaverdense», tem ajudado nesta campanha de valorização da nossa Lavoura.

Todos apreciamos os seus artigos esclarecidos e cheios de interesse pela nossa causa.

Tratou proficientemente o problema da emigração, escalpelizando o espirito de aventura do nosso emigrante — que tantas vezes vai procurar miséria maior do que a da sua aldeia —, retratou as consequências do abandono dos nossos campos, etc. É a voz dum estudioso, experimentado da vida e sincero paladino rural que depõe.

Porém o problema da emigração é

P. Filipe Dias de Paiva Macedo
Vice-Consul de Portugal nas Bermudas

Tivemos conhecimento através do jornal «The Royal Gazette», de 25 de Outubro passado que o Rev. P. Filipe Dias de Paiva Macedo, em serviço na Igreja de Santa Teresa nas Bermudas desde 1958, depois de ter parodiado as freguesias de Dossãos, Travassós e Gondiaes deste concelho que lhe devem notáveis melhoramentos. Foi nomeado Vice-Consul das Bermudas pelo Governo português.

A este nosso Reverendo Amigo que tantas simpatias tem ganhado aí, damos-lhe os nossos parabéns e desejamos-lhe mil prosperidades.

Acção Católica em Vila Verde

No dia de Cristo Rei celebrou-se, em Vila Verde a abertura do novo ano Social. Houve Missa Solenemente Cantada pela coral feminina, adoração solene e posse dos elementos directivos.

Terminou tudo com uma sessão solene.

Falou na adoração e na sessão solene o Reverendo Padre Cavaleiro, S. J.

Falaram também na sessão o Pároco de Vila Verde, a presidente D. Ana Machado e a Secretária menina Sofia Ribeiro Guimarães.

tão vasto e complexo, que, com a devida vénia, ousa também fazer as minhas considerações.

Artigos de jornais, para matéria de rara amplitude, deixam sempre aspectos para considerações.

A Encíclica «Mater et Magister» do Santo Padre João XXIII, que sintetiza os problemas económico-sociais do nosso tempo, diz sobre o êxodo agrícola:

«Todavia pensamos que o êxodo da população do sector agrícola para outros sectores produtivos com frequência é devido não só a razões objectivas de desenvolvimento económico, mas também a múltiplos factores, entre os quais devem ser inumerados a ânsia de sair dum ambiente considerado fechado e sem perspectivas, o desejo de novidade, o de aventura de que é vítima a presente geração, engodo de fortunas rápidas, a miragem de se viver em maior liberdade, usufruindo dos meios e das facilidades que os aglomerados e os centros urbanos oferecem».

Até aqui está o problema posto no seu aspecto negativo com motivos inconvenientes de emigração.

Porém há razões que militam pela emigração.

Diz a mesma Encíclica: «Convém observar aqui como em não poucos Países existem acentuadas desigualdades entre territórios e populações. Nalguns, de facto, há carência de homens e abundância de terrenos susceptíveis de serem cultivados, enquanto que noutros abundam os homens e faltam os terrenos cultiváveis».

«...É óbvio que a solidariedade humana e a fraternidade cristã... pedem colaboração que permita e favoreça o movimento de bens, capitais, homens, com o fim de eliminar ou diminuir as desigualdades apontadas...»

Onde existe a miséria impõe-se a emigração.

Diz a Encíclica: «Sentimos profunda amargura perante o espectáculo tão triste de numerosíssimos trabalhadores de muitos Países e de inteiros Continentes aos quais é dado um salário que os condena, a eles e às famílias, a condições de vida infra-humanas».

(Continua na quarta página)

Feira e Festa de Santa Luzia, no dia 13 de Dezembro em Vila Verde

Vão realizar-se com grande brilho a Festa e tradicional Feira Anual de Santa Luzia, em Vila Verde, no dia 13 de Dezembro.

Na Capela costumam virromeiros de longas terras trazer os seus votos à milagrosa Santa. Aí haverá Missa cantada às 11 horas, com sermão.

A Feira é das mais antigas e tradicionais do Minho, a grande feira do Natal.

Haverá concertos musicais, Zés Pereiras, Bazar de Prendas, altifalantes, Morteiros e fogo de artifício anunciarão as festividades.

A Comissão das Festas já trabalha para dar o maior brilho às festividades tão tradicionais.

Em «Terras de Prado»

Está de parabéns a gente das «Terras de Prado», pela nomeação do Franciscano, R. P. Ernesto Gonçalves Costa, para Bispo da Diocese de Inhambane, Moçambique, recentemente criada por S. S. João XXIII

A terra natal do R. P. Ernesto Costa é S. Romão da Ucha. Actualmente faz parte do concelho de Barcelos, mas pertenceu desde tempos medievais ao concelho de Prado, extinto em 24 de Outubro de 1855. Muitas terras desta freguesia pertenceram aos fidalgos do couto de Azevedo cujo solar se encontra na vizinha freguesia da Lama.

Foi a Ucha largamente influenciada por fidalgos, nos séculos XII e XIII, entre os quais se destacam, além dos Azevedos, os conhecidos por «de Macedo». Todas estas famílias nobres gozavam de importantes privilégios reais mediante os quais as terras eram constituídas em padroados particulares. Assim existiam na freguesia «searas da igreja, um casal do mosteiro de Manhente, seis casais de Tibães e oito do de Cervães».

O R. P. Ernesto Gonçalves Costa tem 41 anos, pois nasceu a 13 de Agosto de 1921. Entrou na Ordem Franciscana a 3 de Outubro de 1939. Estudou em Montariol-Braga e em Lisboa, onde se ordenou em 1946. Partiu, no ano seguinte, para as missões franciscanas de Moçambique, tendo trabalhado sempre na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade da Beira. Primeiro como coadjutor e, desde 1954, como pároco, — cargo que ainda ocupava actualmente.

(Continua na 4.ª página)

Nostalgia, Morte, Esperança

A nostalgia é a resultante de uma privação, de uma necessidade ou ânsia insatisfeita. Tem a pessoa nostalgia da vida ao saber que a morte há-de roubar-lha. E não tem isto outra razão de ser senão o facto de o homem ser criado para a eternidade, que se começa a construir cá na terra. O homem morre e tem em si algo de imortal. E esta contradição que mais o faz cismar; é este o mistério que nunca chega ele a resolver, sobretudo se não é homem de fé e de sobrenatural esperança como o devem ser todos os que, convictos, rezam o Credo.

Quem ignora ou quer ignorar a finalidade da nossa criação por Deus, sofre sem sentido e a sua vida será uma eterna angústia, descontentamento, tristeza.

Morte significa não o fim da existência da pessoa, (visto ser sua alma imortal!), mas antes a separação, o termo do mundo em relação a essa pessoa.

O pensar no trágico passo da morte pode ser causa de desespero, mas também pode ser a satisfação do desejo de quem sempre está disposto a dizer «fiat... cumpra-se! Deve ser esta a atitude do crente, do cristão. Porque sabe que não morrerá para a eternidade. Porque estão abertos seu espírito e seu ser inteiro ao mistério da Trindade.

Eis o que faz a diferença entre o desespero, o desinteresse, a revolta e a esperança! Esta última existe quando há diante de si uma coisa que pode originar a revolta, a recusa, a não aceitação.

A esperança é mais que aceitação! É aceitação de uma coisa, dum estado, dum dificuldade, na certeza de que se achará o que se quer: a solução com êxito, o desfecho feliz. E' dar crédito ao que há-de suceder. E' confiar nele, porque esperar é «o próprio dos seres desarmados»; a esperança é a arma dos que combatem sem armas, mas que possuem as armas da fé, da caridade, da compreensão.

Só pode haver esperança quando esta corre o risco de se acabar, isto é, quando faltando aquilo que se esperava, quando parecendo não dar mais sinais de existir ou de vir a manifestar-se, se continua a ter fé.

A esperança será, como tal, o combate do que era já esperança. Mas toda a verdadeira esperança tem por base Aquele em direcção de quem nós caminhamos, sendo por Ele como que atraídos ou esperados. E' o apelo da eternidade que será para nós realidade fora do tempo, a partir do dia em que mais não precisaremos de esperar.

A esperança da nossa fé e a fé na nossa esperança ter-nos-ão levado à Caridade que é Deus (I Jo., 3, 16).

Lisboa, 1962. António de Sá

«O Vilaverdense»

Encontra-se à venda

- Em Prado: Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.
- Em Vila Verde: Na Livraria Rainha.
- Em Braga: Na Tabacaria do Café Sporting.



Todo o Mundo tem os olhos postos na Basílica de S. Pedro, em Roma, onde o Santo Padre, Cardeais e Bispos de todo o Mundo, reunidos em sessão magna, procuram na paz magnífica da fé e da oração, abrir horizontes novos de espiritualidade aos homens de boa vontade espalhados por todos os recantos da terra.

E' necessário aprender a olhar para o Céu.

Diz o Papa: «O Mundo está cansado de tanta ansiedade e de tanta incerteza». A paz bate à porta, permitindo a esperança de que poderá afirmar-se brevemente em todo o seu esplendor... Mas ela só será verdadeira, se for cristã.

Oremos com Roma, nesta hora alta da Igreja Católica.

D. Fr. Bartolomeu dos Mártires

Desde sempre manifestou uma acentuada tendência para gloriosos empreendimentos e heróicas façanhas. Depois da exposição das observâncias da vida que buscava, responde ao Prior de S. Domingos: «Padre, trabalhos busco e aborreço mimos; por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo e sei que para a salvação me são necessários, busco a Religião. Não temo esses, nem me assustam outros maiores, que não há corpo fraco onde o coração é forte».

Nascido em Lisboa, a 3 de Maio de 1514, de depressa sentiu o chamamento divino para uma vida mais perfeita, entrando no convento de S. Domingos em 1528, fazendo a sua profissão dominicana no ano seguinte.

Era tal o seu espírito de pobreza, humildade, obediência e piedade, dotado de invulgar talento que o levaram a distinguir-se entre os demais, já durante a brilhante carreira dos seus estudos, já como professor de Filosofia e de Teologia, no Mosteiro da Batalha, durante longos e fecundos anos, já como mestre de D. António, Prior do Crato.

Foi sobretudo na espinhosa missão de Arcebispo desta gloriosa Arquidiocese de Braga, que ele mostrou a grandeza da sua alma, pastoreando-a durante 22 anos, com todo o zelo apostólico. Apesar dos escassos meios de transporte, visitava, de 3 em 3 anos, as mil e quatrocentas freguesias, que então formavam a Arquidiocese, a fim de se pôr em contacto com os problemas de todos os fiéis, orientando-os sábiamente nas sendas da perfeição. A todos amparava com extremos de ternura e carinho, não fazendo acepção de pessoas. Todos quantos com ele trataram, pobres e ricos, humildes e portentosos, sábios e ignorantes, príncipes e Papas, não podiam deixar de manifestar a viva impressão de santidade que irradiava da sua vida. Os Jesuítas de Braga fazem referência a esta opinião geral de santidade, dizendo que ele é um «prelado de mui conhecida santidade e doutrina» e, no momento da sua morte, tecem-lhe este rasgado elogio: «Este é aquele Bartolomeu, homem sapientíssimo, santo e austero a quem nem a aspereza das regiões transmontanas, nem rigores alguns de frio ou calor ou outra qualquer intempérie puderam deter-lhe o passo, para cumprir por si próprio todos os deveres de um óptimo pastor e de iluminar vigilantissimamente a sua diocese... Retirando-se ao seu convento de Viana, aí, por causa da sua admirável virtude, conquistou em todos suma veneração... e mereceu o cognome de santo, de tal sorte que o seu cadáver teve de ser vigiado com força armada, para não ser furtado para Braga, às escondidas dos vianenses, como se pretendia».

O seu incansável zelo na extensão do Reino de Deus levou-o a trabalhar até ao derradeiro momento na salvação do maior número de almas. Mesmo depois de ter resignado à sua Igreja e se ter retirado para o convento de Viana, ainda saía a catequizar as encantadoras margens do Lima,

A ele acorriam os pobrezinhos, que já o consideravam um santo e confiavam no seu poder junto de Deus. Dizia-se que as moedas se multiplicavam milagrosamente nas suas mãos para os socorrer; ao sinal da cruz, traçado sobre os vagalhões que subiam do mar encapelado pela barra do Lima, amainavam as tempestades; ao contacto dos seus hábitos, desapareciam as moléstias mais rebeldes, destruidoras de corpos e autênticos flagelos de almas.

Se ainda não bastassem os testemunhos das ovelhas que foram confiadas, teríamos o prestígio extraordinário que alcançara no Concílio de Trento, em cujas Actas encontramos as expressões de «homem verdadeiramente santíssimo e inflamado em zelo» e de «homem douto e de santíssima vida», realmente de um valor incontestável.

Durante os 17 dias da sua permanência em Roma, de visita aos lugares santificados pelos Príncipes dos Apóstolos, a tal ponto se evidenciou a santidade da sua vida que S. Carlos Borromeu o tomara por modelo, como ele próprio o escreve numa carta de 1565: «tenho-vos continuamente diante dos meus olhos e tomei como modelo da minha a vossa vida, virtuosa e louvável sob todos os aspectos».

O Papa S. Pio V, que também o conheceu em Roma, numa carta escrita a D. Sebastião, diz: «pela sua eximia santidade, todos o deviam amar e reverenciar».

Na verdade, podemos afirmar, sem receio algum, que poucas vezes se encontra um servo de Deus cuja santidade de vida seja tão proclamada e reconhecida por todos e em toda a parte.

Porque não o temos ainda elevado às honras dos altares? A Sagrada Congregação dos Ritos, depois dos processos que se fizeram em ordem

à sua Beatificação e Canonização, declarada em 23 de Março de 1845 constar de tal modo a existência das virtudes Teológicas e Cardeais e suas anexas em grau heróico do Venerável servo de Deus Bartolomeu dos Mártires, da Ordem dos Pregadores, que foi Arcebispo de Braga, que com toda a segurança se pode proceder aos assuntos ulteriores, isto é, à discussão simplesmente dos quatro milagres».

Porque esperamos? Que façam violência ao céu, suplicando os milagres necessários para a sua glorificação. Já são abundantes as graças obtidas por sua intercessão, algumas das quais difundidas pela Imprensa. Precisamos de milagres autênticos, para que em breve tenhamos nos altares o grande santo Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

Recorramos a Deus com uma confiança inabalável, com uma fé «capaz de transportar montanha», na certeza de sermos ouvidos. D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, que tantas vezes palmilhou estas nossas terras, mais uma vez, lá do alto do céu, intercederá em nosso favor.

Deus o quer, mas exige de nós muitas orações e, sobretudo, uma sincera emenda de vida, para que nos tornemos dignos de tão assinalado benefício.

Nisto vai todo o nosso interesse: termos no céu um glorioso protector que advogue a nossa causa junto de Deus.

Continuemos com esta prometedora campanha, até que possamos venerar nos altares o egrégio Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, para a maior honra e glória de Deus e proveito das nossas almas, participando também um dia no céu da eterna felicidade dos Bem-aventurados.

Fr. António Maria do Santíssimo Sacramento, O. P.

AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construções de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, n.º 55
PORTO

Telef. 21957 — Teleg. Roselândia

Assinaí, anunciai e propagai "O Vilaverdense,"

Fábrica de Bordados Regionais
DE **Maria Helena Dantas**

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.
Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

Casa Claro
— DE —
Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100
TELEFONE, 22305 BRAGA



— DE —
Mário Joaquim de Queirós & C.ª

TELEFONE, 22013 BRAGA

Aprecia Café?
Tome Café na PRINCESINHA
compre o delicioso
Café Princesinha
Tel. 92110 VILA DE PRADO

PICHINCHA
Rádio com Pic-up
e com 40 discos de 45 rotações
e com 7 discos de 33 rotações

VALOR 7.700\$00
VENDE-SE 5.500\$00

falar na Princesinha
Tel. 92110 VILA DE PRADO

Certidão-Narrativa **TUDO ANDA**
— EM —
transgressão?

ANTÓNIO ALBERTO DA SILVA ALVES, ajudante da Secretaria Notarial de Braga:

CERTIFICO que, em 2 de Outubro de 1962, de fls. v.º a 14, no competente livro de escrituras diversas, n.º 145-B, do Segundo Cartório, desta Secretaria, a cargo do notário, Licenciado em Direito, António Magro Borges de Araújo, foi exarada uma escritura de «CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE», entre os Srs. António Gonçalves de Oliveira, solteiro, maior, residente no Campo da Feira, freguesia e concelho de Vila Verde, e Armando Barbosa da Silva, casado, residente no supra citado Campo da Feira, a qual se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

- 1.º — A sociedade adopta a firma «OLIVEIRA & SILVA, LIMITADA», tem a sua sede no Largo do Campo da Feira, freguesia e concelho de Vila Verde, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.
- 2.º — O seu objecto é o comércio da mercearia por junto, podendo, porém, explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.
- 3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 50.000\$00, representado por duas quotas de 25.000\$00, pertencentes uma a cada sócio.
- 4.º — A gerência social fica a cargo de ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.
- 5.º — Para a sociedade ficar obrigada nos seus actos e contratos é necessária a assinatura dos dois gerentes; para os actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer deles.

- 5.º — A cessão de quotas a estranhos não pode ser feita sem o consentimento do consócio do cedente, dado por escrito.
 - 6.º — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas expedidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, salvo os casos em que a lei prescrever outros requisitos para a sua convocação.
 - 7.º — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuará a sociedade com o sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante do falecido ou interdito, devendo os herdeiros nomear um de entre si que nela os represente enquanto a quota se mantiver indevida.
- É certidão-narrativa, para efeitos de publicação que extrai e vai conforme o original na parte transcrita a que me reporto, da parte omissa nada consta que altere, prejudique, modifique ou condicione o acima transcrito.
- Braga, Secretaria Notarial, em vinte e três de Outubro de mil novecentos e sessenta e dois.

O Ajudante da Secretaria Notarial de Braga,
a) **António Alberto da Silva Alves**

O Juiz de Direito,
Manuel Augusto Gama Prazeres

Assinaí «O Vilaverdense»

- Uns sim, outros não!**
- Se o Sardinha corre à bola,
E a bola lhe dá na mão,
Castigo por transgressão...
- Se se alguém entusiasmado
Diz ao árbitro: — Ah! ladrão?!
Entra logo em transgressão.
- Se o pobrezinho com fome
Ao público estende a mão,
Já está em transgressão.
- Se o rapaz atrevido
Na moça deu beliscão,
Claro que entra em transgressão...
- Se a água do inverno
Fez cair o muro ao chão,
Pôs o dono em transgressão.
- Se o ciclista sem sorte
Ao travar parte o travão,
Já está em transgressão.
- Se um componente da tuna
Não quer tocar violão,
Diz o Mestre: — é transgressão.
- Se o lavrador consumido
Não levar o gado à mão,
Fica logo em transgressão.
- Se embarcar sem passaporte
Prá Lapónia ou pró Japão
E' preso por transgressão.
- Mas se alguém quer emigrar
E quer boa informação,
Um conto: — sem transgressão
- Se dum foguete no ar,
Cá em baixo, se ouvir o som
Diz o povo: — é transgressão...
- Se os escuteiros da terra
Escarnecem do João
Brada o Chefe: — é transgressão!
- Se põe vidros no seu muro
Pra não passar o ladrão
Já está em transgressão.
- Se um êbrio a horas mortas,
Canta alegre o S. João.
— Fecha a boca, é transgressão.
- Os natos na Boavista
E criados em Olhão,
Também 'stão em transgressão.
- Por este mundo de Cristo,
Com razão ou sem razão,
Tudo anda em transgressão.
- ...Só o tasqueiro vende caro
Zurrapa por vinho bom
E não fica em transgressão!!!
- Ora...
Com transgressão ou sem ela
Se o «outro» sofre do umbigo
Quem padece é o Desportivo.

